

O Sambarroco de Vander Lee

Num tempo de samba rock, “Sambarroco”, porque Minas tem jeito diferente de fazer samba. Barroco, sinuoso nos detalhes, exuberante no colorido, desconcertante nas harmonias. E Vander Lee é o cara certo para mostrar esse espírito mineiro que transcende fronteiras. Afinal, não foi de graça que Elza Soares disse que Vander Lee tinha o suingue dos anos 2000.

Cercado de um grupo de jovens instrumentistas, capitaneado pelo talentoso compositor, arranjador e violonista Thiago Delegado, faz neste sétimo trabalho, uma ponte clara e objetiva com seu disco “No Balanço do Balaio” (1999) relançado recentemente pela Sony. Tanto que o show em que foi testado o repertório de “Sambarroco” traz leituras renovadas do “Balaio”. Temas indelévels na trajetória do artista, como “Galo e Cruzeiro”, “Tô em Liquidação”, “Baiana Cover”. E, claro, “Românticos”, pedra fundamental do lirismo do mais objetivo e eficiente compositor das canções de cantar em coro, em bar e em rodas de amigos.

Vander Lee confessa que a fase atual é mais “da busca estética que de atitude”, procura fugir do jeito carioca de fazer samba que a parte mais conhecida dos sambistas consagrados de Minas usou. Com Thiago Delegado, que mescla as harmonias apreendidas de Toninho Horta e Juarez Moreira com um jeito mais solto de pensar a música, com a leveza da geração de antena global.

Partindo do nome, uma idéia antiga, pediu a Delegado que convocasse um regional, com duas percussões, um sopro e seu sete cordas e começaram a criar e testar repertório, em estúdios, rodas de samba, lugares pequenos e médios onde fosse possível testar as reações da platéia e burilar cada tema com calma e paciência. Aproveitou que começou uma reforma em casa e, enquanto os pedreiros retocavam a construção, construiu o disco no estúdio do selo mais tradicional de Belo Horizonte, o da Bemol.

O disco abre com a faixa-título, uma bate-bola com o bamba do novo samba Dudu Nicácio. “UM samba de amor barroco”, na feliz classificação de Vander Lee. Segue com “Lado Bamba”, tema que nasceu instrumental, para abrir o show de preparação do disco, e que foi ganhando letra ao longo da carreira do espetáculo.

Das origens do choro, que nasceu do sotaque brasileiro de tocar música européia, veio “Boramar”. Brincadeira com a expressão “vamos embora amar”, surgiu de uma viagem à Europa e das tardes ouvindo os grupos regionais tocando música popular francesa pelas ruas de Paris. Um choro com contraste da melodia pop.

“Terno Cinza”, feita na solidão e quartos e banheiros em Barcelona, é uma bossa mineira que lembra o outono do Rio, com “gostinho de ressaca boa” e “uma tristeza elegante”. “Estrela”, gravada por Maria Bethânia no disco “Encanteria”, traz um lado

congadeiro, de raiz. “Talvez o arranjo da gravação da Bethânia tenha ajudado a definir a sonoridade do disco”, esclarece Vander Lee.

Nascida na quarta-feira de cinzas de um carnaval em que ficou em casa, essa marcha de tempero ouropretano trata de um personagem que ficou magoado por ter sido deixado em casa durante o carnaval: “uma marchinha para emoldurar mais um colóquio conjugal.” Para dividir os vocais, Vander Lee recebe Regina Souza.

Composta nos anos 90, a valsa “Beleza Fria” é inspirada numa suposta noite de boemia, em que o personagem, depois de um belo fora de uma “manequim de vitrine”, volta pra casa filosofando sobre a cultura do ego e da beleza fabricada.

Já “Pimenta Malagueta”, feita em 2009, depois de uma viagem a Cuba, mistura salsa, merengue, samba e ijexá. Conta uma história baseada em frases e expressões colhidas nas conversas com os amigos, como a matadora: “não cospe no trapo que tu comeu, não maltrata este traste que um dia foi seu.” Outra participação nos vocais, agora de “As Formosas”.

O disco vai chegando ao fim. Mas antes, a lembrança da infância, das expressões que os pais interioranos provocaram o samba rural “Vai Assombrar Porco”, uma pagode de viola que trata, com humor, de formas de exclusão e diferenças de classes.

O final oficial acontece com a versão com motor, suspensão e lataria do “Sambado”, que ele havia gravado de voz e violão no disco ao vivo de 2003, e surge com esplendor de grande escola com arranjo cheio de manha de quem tem manha de fazer o carro pra andar em qualquer situação. É, segundo Vander Lee, “a limonada do limão”.

Acústico e animado, “Sambarroco” é Vander Lee na sua essência, numa importante ponte com as novas visões da música dos novos talentos da música mineira, que ele tão bem defende e representa.

Kiko Ferreira

www.vanderlee.com.br